



RAYMOND QUIVY  
LUC VAN CAMPENHOUDI

# MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

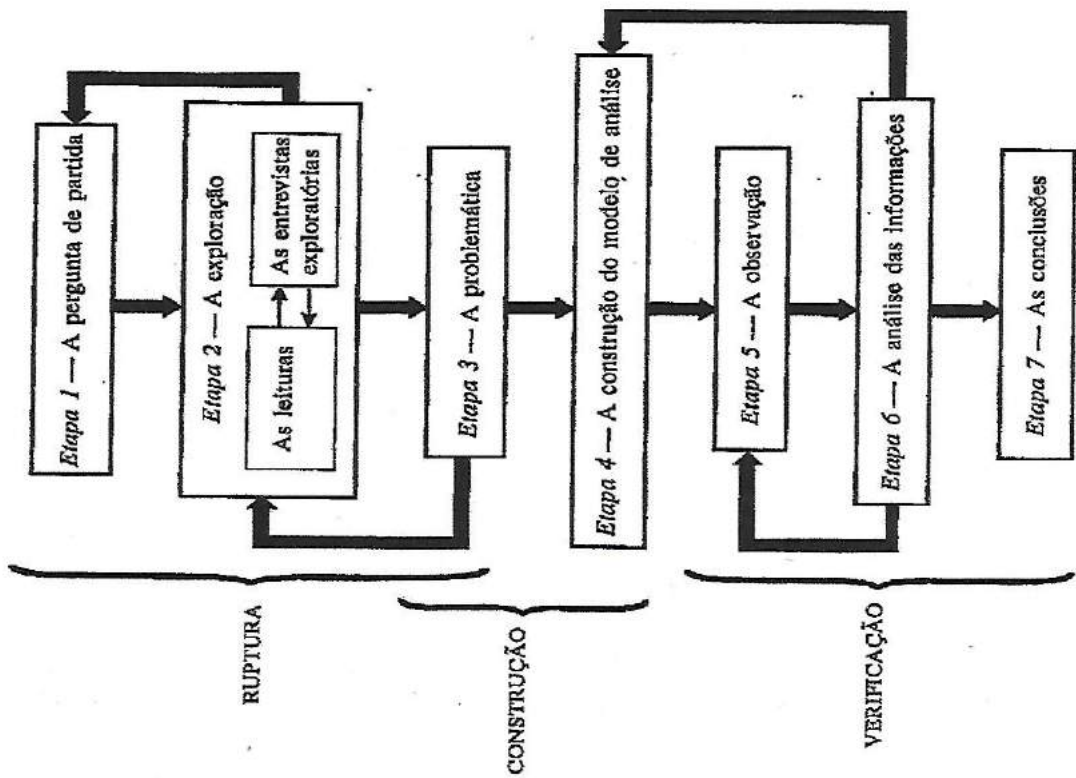
TRADUÇÃO  
JOÃO MINHOTO MARQUES, MARIA AMÁLIA MENDES  
E MARIA CARVALHO

REVISÃO CIENTÍFICA  
RUI SANTOS

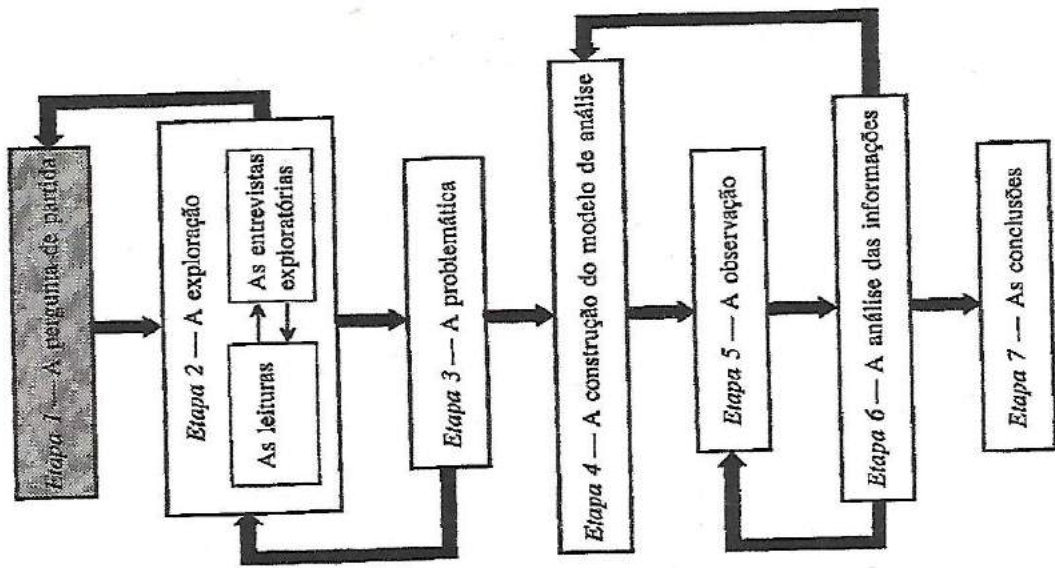
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

gradiva

## AS ETAPAS DO PROCEDIMENTO



## AS ETAPAS DO PROCEDIMENTO



### OBJECTIVOS

O primeiro problema que se põe ao investigador é muito simplesmente o de saber como começar bem o seu trabalho. De facto, não é fácil conseguir traduzir o que vulgarmente se apresenta como um foco de interesse ou uma preocupação relativamente vaga num projecto de investigação operacional. O receio de iniciar mal o trabalho pode levar algumas pessoas a andarem às voltas durante bastante tempo, a procurarem uma segurança ilusória numa das formas de fuga para a frente que abordámos, ou ainda a renunciarem pura e simplesmente ao projecto. Ao longo desta etapa mostraremos que existe uma outra solução para este problema do arranque do trabalho.

A dificuldade de começar de forma válida um trabalho tem, frequentemente, origem numa preocupação de fazê-lo demasiado bem e de formular desde logo um projecto de investigação de forma totalmente satisfatória. É um erro. Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminho para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. Muitos vivem esta realidade como uma angústia paralisante; outros, pelo contrário, reconhecem-na como um fenómeno normal e, numa palavra, estimulante.

Por conseguinte, o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de

## 2. OS CRITÉRIOS DE UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA

Traduzir um projecto de investigação sob a forma de uma pergunta de partida só será útil se essa pergunta for correctamente formulada. Isto não é necessariamente fácil, pois uma boa pergunta de partida deve preencher várias condições. Em vez de apresentar imediatamente estas condições de forma abstracta, é preferível partir de exemplos concretos. Procederemos, assim, ao exame crítico de uma série de perguntas de partida, insatisfatórias, mas com formas correntes. Este exame permitir-nos-á reflectir sobre os critérios de uma boa pergunta e o significado profundo desses critérios. O enunciado de cada pergunta será seguido de um comentário crítico, mas seria preferível que cada um discutisse por si mesmo estas perguntas, se possível em grupo, antes de ler, mais ou menos passivamente, os nossos comentários.

Ainda que os exemplos de perguntas apresentados lhe pareçam muito claros, até mesmo demasiado claros, e que as recomendações propostas lhe pareçam evidentes e elementares, não deixe de levar a sério esta primeira etapa. Aquilo que pode ser fácil quando um critério é apresentado isoladamente sê-lo-á muito menos quando se tratar de respeitar o conjunto destes critérios para uma única pergunta de partida: a sua. Acrescentemos que estes exemplos não são puras invenções da nossa parte. Ouvimo-los todos, por vezes sob formas muito ligeiramente diferentes, da boca de estudantes. Se, das centenas de perguntas insatisfatórias sobre as quais trabalhámos com eles, acabámos por reter aqui apenas sete, é porque elas são bastante representativas das falhas mais correntes e porque, juntas, cobrem bem os objectivos pretendidos.

Veremos progressivamente a que ponto este trabalho, longe de ser estritamente técnico e formal, obriga o investigador a uma clarificação, frequentemente muito útil, das suas intenções e perspectivas espontâneas. Neste sentido, a pergunta de partida constitui normalmente um primeiro meio para pôr em prática uma das dimensões essenciais do processo científico: a ruptura com os preconceitos e as noções prévias. Voltaremos a este ponto no fim do exercício.

O conjunto das qualidades requeridas pode resumir-se em algumas palavras: uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada.

Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela e, em particular, deve ser possível fornecer elementos para lhe responder. Estas qualidades têm de ser pormenorizadas. Para esse efeito, procedamos ao exame crítico de sete exemplos de perguntas.

### 2.1. AS QUALIDADES DE CLAREZA

As qualidades de clareza dizem essencialmente respeito à precisão e à concisão do modo de formular a pergunta de partida.

#### Pergunta 1

Qual é o impacto das mudanças na organização do espaço urbano sobre a vida dos habitantes?

#### Comentário

Esta pergunta é demasiado vaga. Em que tipos de mudanças se pensa? O que se entende por «vida dos habitantes»? Trata-se da sua vida profissional, familiar, social, cultural? Alude-se às suas facilidades de deslocação? Às suas disposições psicológicas? Poderíamos facilmente alongar a lista das interpretações possíveis desta pergunta demasiado vaga, que informa muito pouco acerca das intenções precisas do seu autor, se é que estas o são.

Convirá, portanto, formular uma pergunta precisa cujo sentido não se preste a confusões. Será muitas vezes indispensável definir claramente os termos da pergunta de partida, mas é preciso primeiro esforçar-se por ser o mais límpido possível na formulação da própria pergunta.

Existe um meio muito simples de se assegurar de que uma pergunta é bastante precisa. Consiste em formulá-la diante de um pequeno grupo de pessoas, evitando comentá-la ou expor o seu sentido. Cada pessoa do grupo é depois convidada a explicar como compreendeu a pergunta. A pergunta será precisa se as interpretações convergirem e corresponderem à intenção do seu autor.

## 2.2. AS QUALIDADES DE EXEQUILIBIDADE

As qualidades de exequibilidade estão essencialmente ligadas ao carácter realista ou irrealista do trabalho que a pergunta deixa entrever.

### Pergunta 3

Os dirigentes empresariais dos diferentes países da Comunidade Europeia têm uma percepção idêntica da concorrência económica dos Estados Unidos e do Japão?

#### Comentário

Se puder dedicar pelo menos dois anos inteiros a esta investigação, se dispuser de um orçamento de vários milhões e de colaboradores competentes, eficazes e políglotas, terá, sem dúvida, algumas hipóteses de realizar este tipo de projecto e de obter resultados suficientemente pormenorizados para terem alguma utilidade. Se não, é preferível restringir as suas ambições.

Ao formular uma pergunta de partida, um investigador deve assegurar-se de que os seus conhecimentos, mas também os seus recursos em tempo, dinheiro e meios logísticos, lhe permitirão obter elementos de resposta válidos. O que é concebível para um centro de investigação bem equipado e para investigadores com experiência não o é forçosamente para quem não dispõe de recursos comparáveis.

Os investigadores principiantes, mas por vezes também os profissionais, subestimam quase sempre as restrições materiais, particularmente as de tempo, que os seus projectos de investigação implicam. Realizar as iniciativas prévias a um inquérito ou a entrevistas, constituir uma amostra, decidir as pessoas-chave que podem dar apoio, organizar reuniões, encontrar documentos úteis, etc., podem devorar à partida uma grande parte do tempo e dos meios consagrados à investigação. Em consequência, uma boa parte das informações recolhidas é subexplorada e a investigação termina num *sprint* angustiante, durante o qual nos expomos a erros e negligências.

Ao proceder a este pequeno teste em relação a várias perguntas diferentes, depressa observará que uma pergunta pode ser precisa e compreendida da mesma forma por todos sem estar por isso limitada a um problema insignificante ou muito marginal. Consideremos a seguinte pergunta: «Quais são as causas da diminuição dos empregos na indústria valã<sup>1</sup> no decurso dos anos 80?» Esta pergunta é precisa no sentido de que cada um a compreenderá da mesma forma, mas cobre, no entanto, um campo de análise muito vasto (o que, como veremos mais à frente, colocará outros problemas).

Uma pergunta precisa não é, assim, o contrário de uma pergunta ampla ou muito aberta, mas sim de uma pergunta vaga ou imprecisa. Não encerra imediatamente o trabalho numa perspectiva restritiva e sem possibilidades de generalização. Permite-nos simplesmente saber aonde nos dirigimos e comunicá-lo aos outros.

Resumindo, para poder ser tratada, uma boa pergunta de partida terá de ser precisa.

### Pergunta 2

Em que medida o aumento das perdas de empregos no sector da construção explica a manutenção de grandes projectos de trabalhos públicos, destinados não só a manter este sector, mas também a diminuir os riscos de conflitos sociais inerentes a esta situação?

#### Comentário

Esta pergunta é demasiado longa e desordenada. Contém suposições e desdobra-se no fim, de tal forma que é difícil perceber bem o que se procura compreender prioritariamente. É preferível formular a pergunta de partida de uma forma unívoca e concisa para que possa ser compreendida sem dificuldade e ajudar o seu autor a perceber claramente o objectivo que persegue.

Resumindo, para poder ser tratada, uma boa pergunta de partida terá de ser unívoca e tão concisa quanto possível.

<sup>1</sup> Da Valónia, região francófona da Bélgica. (N. do T.)

Esta última fórmula, que alguns considerarão justa por contribuir para atenuar as desigualdades económicas, será julgada absolutamente injusta por quem considere que, assim, o fisco lhe extorque bastante mais do que aos outros do fruto do seu trabalho ou da sua habilidade.

Os laços entre a investigação social e o julgamento moral são, evidentemente, mais estreitos e mais complexos do que este simples exemplo deixa supor, mas não é este o lugar para os aprofundar.

O facto de um projecto responder a uma preocupação de carácter ético e político (como contribuir para resolver problemas sociais, para instaurar mais justiça e menos desigualdades, para lutar contra a marginalidade ou contra a violência, para aumentar a motivação do pessoal de uma empresa, para ajudar a conceber um plano de renovação urbana...) não é, em si, um problema. Longe de dever ser evitada, esta preocupação de pertinência prática com uma intenção ética deve ser encorajada, sob pena de produzir investigações desprovidas de sentido e que constituiriam tão-somente «exercícios de estilo» mais ou menos brilhantes. Tal não impede a investigação de ser conduzida com rigor, pelo menos desde que o investigador saiba clarificar as opções subjacentes e controlar as implicações possíveis. Esse problema não é, aliás, próprio das ciências sociais, que, habitualmente, têm o mérito de o colocarem e de o enfrentarem mais explicitamente do que outras disciplinas.

Acresce que uma investigação realizada com rigor é cuja problemática é construída com inventividade (v. quarta etapa) evidencia os desafios éticos e normativos dos fenómenos estudados, de maneira análoga aos trabalhos dos biólogos, que podem revelar desafios ecológicos. Deste modo, a investigação social cumpre o seu verdadeiro papel e o conhecimento por ela produzido pode inscrever-se no processo mais englobante de um verdadeiro pensamento.

Enfim, tal como foi bem demonstrado por Marx (*L'Idéologie allemande*), Durkheim (*Les formes élémentaires de la vie religieuse*) ou Weber (*L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*), os sistemas de valores e de normas fazem parte dos objectos privilegiados das ciências sociais, porquanto a vida colectiva é incompreensível fora deles.

Resumindo, se o investigador deve esforçar-se por pensar nos laços entre o conhecimento, o ético e o político, também deve

Resumindo, para poder ser tratada, uma boa pergunta de partida deve ser realista, isto é, adequada aos recursos pessoais, materiais e técnicos, em cuja necessidade podemos imediatamente pensar e com que podemos razoavelmente contar.

### 2.3. AS QUALIDADES DE PERTINÊNCIA

As qualidades de pertinência dizem respeito ao registo (explorativo, normativo, preditivo...) em que se enquadra a pergunta de partida.

Procedamos, também aqui, ao exame crítico de exemplos de perguntas semelhantes às que encontramos frequentemente no início de trabalhos de estudantes.

#### Pergunta 4

A forma como o fisco está organizado no nosso país é socialmente justa?

#### Comentário

Esta pergunta não tem, evidentemente, como objectivo analisar o funcionamento do sistema fiscal ou o impacto da maneira como ele é concebido ou levado a cabo, mas sim julgá-lo no plano moral, o que constitui um procedimento completamente diferente, que não diz respeito às ciências sociais. A confusão entre a análise e o juízo de valor é muito usual e nem sempre é fácil de detectar.

De uma maneira geral, podemos dizer que uma pergunta é moralizadora quando a resposta que lhe damos só tem sentido em relação ao sistema de valores de quem a formula. Assim, a resposta será radicalmente diferente consoante a pessoa que responde que a justiça consiste em fazer cada um pagar uma quota-parte igual à dos outros, sejam quais forem os seus rendimentos (como é o caso dos impostos indirectos), uma quota-parte proporcional aos seus rendimentos ou uma quota-parte proporcionalmente mais importante à medida que forem aumentando os seus rendimentos (a taxa progressiva aplicada nos impostos directos).

evitar as confusões entre os registos e, durante o trabalho de investigação, abordar o real em termos de análise, e não de julgamento moral. Trata-se, aliás, de uma condição da sua credibilidade e, por conseguinte, em última análise, do impacto ético e político dos seus trabalhos.

Tal não é forçosamente simples, pois, tanto na vida corrente como em determinadas aulas do ensino secundário, esses registos são regularmente confundidos. Considera-se, por vezes, de bom tom terminar os trabalhos ou as dissertações com um pequeno toque moralizador, destinado tanto à edificação ética dos leitores como a convencê-los de que se tem bom coração. Também aqui a ruptura com os preconceitos e os valores pessoais é fundamental.

Resumindo, uma boa pergunta de partida não deverá ser moralizadora. Não procurará julgar, mas sim compreender.

## Pergunta 5

Será que os padrões exploram os trabalhadores?

### Comentário

Esta pergunta é, na realidade, uma «falsa pergunta», ou, por outras palavras, uma afirmação disfarçada de pergunta. É evidente que, na mente de quem a fez, a resposta é, *a priori*, «sim» (ou «não»). Será, aliás, sempre possível responder-lhe afirmativamente, como também é possível «provar» que, inversamente, os trabalhadores exploram os padrões. Basta para isso seleccionar cuidadosamente os critérios e os dados adequados e apresentá-los da forma que convém.

As más perguntas de partida deste tipo são abundantes. A que se segue é um exemplo suplementar, ainda que menos nítido: «Será a fraude fiscal uma das causas do défice orçamental do Estado?» Também aqui é fácil imaginar que o autor tem, à partida, uma ideia bastante precisa da resposta que, custe o que custar, tenciona dar a esta pergunta.

O exame de uma pergunta de partida deve, portanto, incluir uma reflexão sobre a motivação e as intenções do autor, ainda que não possam ser detectadas no enunciado da pergunta, como é o caso do

nosso exemplo. Convirá, nomeadamente, definir se o seu objectivo é de conhecimento ou, pelo contrário, de demonstração. O esforço a despendar para evitar formulações tendenciosas da pergunta de partida, tal como os debates que poder ter sobre este assunto, podem contribuir de um modo eficaz para um recuo das ideias preconcebidas.

Uma boa pergunta de partida será, portanto, uma «verdadeira pergunta», ou seja, uma pergunta «aberta», o que significa que devem poder ser encaradas *a priori* várias respostas diferentes e que não se tem a certeza de uma resposta preconcebida.

## Pergunta 6

Que mudanças afectarão a organização do ensino nos próximos vinte anos?

### Comentário

O autor de uma pergunta como esta tem, na realidade, como projecto proceder a um conjunto de previsões sobre a evolução de um sector da vida social. Alimenta, assim, as mais ingénuas ilusões sobre o alcance de um trabalho de investigação social. Um astrónomo pode prever com muita antecendência a passagem de um cometa nas proximidades do sistema solar, porque a sua trajetória responde a leis estáveis, às quais não pode furtar-se por si próprio. Isto não acontece no que respeita às actividades humanas, cujas orientações nunca podem ser previstas com certeza.

Podemos, sem dúvida, afirmar, sem grande risco de nos enganarmos, que as novas tecnologias ocuparão um lugar cada vez maior na organização das escolas e no conteúdo dos programas, mas somos incapazes de formular previsões seguras que transcendam este tipo de banalidades.

Alguns cientistas particularmente clarividentes e informados conseguem antecipar os acontecimentos e pressagiar o sentido prodável de transformações próximas melhor do que o faria o comum dos mortais. Mas estes pressentimentos raramente se referem a acontecimentos precisos e apenas são concebidos como eventualidades. Baseiam-se no seu profundo conhecimento da sociedade,

tal como hoje funciona, e não em prognósticos fantasistas que nunca se verificam, a não ser por acaso.

Significará isto que a investigação em ciências sociais nada tem a dizer quanto ao futuro? Certamente que não, mas o que ela tem a dizer depende de outro registo. Com efeito, uma investigação bem conduzida permite captar os estrangulamentos e as lógicas que determinam uma situação ou um problema, assim como discernir a margem de manobra dos «actores sociais», e evidenciar os desafios das suas decisões e relações sociais. É nisso que ela interpele directamente o futuro e adquire uma dimensão prospectiva, embora não se trate de previsão no sentido estrito do termo.

Essa dimensão prospectiva enraiza-se no exame rigoroso do que existe e funciona aqui e agora e, em particular, das tendências perceptíveis quando se observa o presente à luz do passado. Fora desta perspectiva, as previsões feitas com ligeireza arriscam-se fortemente a ter pouco interesse e consistência. Deixam os seus autores desarmados perante interlocutores que, por seu lado, não sonham mas conhecem os seus *dossiers*.

Resumindo, uma boa pergunta de partida abordará o estudo do que existe ou existiu, e não o daquilo que ainda não existe. Não estudará a mudança sem se apoiar no exame do funcionamento. Não visa prever o futuro, mas captar um campo de estrangulamentos e de possibilidades, bem como os desafios que esse campo define.

## Pergunta 7

Os jovens são mais afectados pelo desemprego do que os adultos?

### Comentário

Em primeiro lugar, podemos temer que esta pergunta exija apenas uma resposta puramente descritiva, que teria como único objectivo conhecer melhor os dados de uma situação. Se a intenção de quem a formula se limita, com efeito, a juntar e a exibir os dados — oficiais ou produzidos pelo próprio, pouco importa neste caso —, sem procurar compreender melhor, a partir deles, o fenómeno do desemprego e as lógicas da sua distribuição nas diferentes categorias da população, teremos de reconhecer que é «um pouco curta».

Em contrapartida, numerosas questões que se apresentam, à primeira vista, como descritivas nem por isso deixam de implicar uma finalidade de compreensão dos fenómenos sociais estudados. Descrever as relações de poder numa organização, ou situações socialmente problemáticas que mostrem precisamente em que são «problemáticas», ou a evolução das condições de vida de uma parte da população, ou os modos de ocupação de um espaço público e as actividades nele desenvolvidas... implica uma reflexão acerca do que é essencial salientar, uma selecção das informações a recolher, uma classificação dessas informações com o objectivo de descobrir linhas de força e ensinamentos pertinentes.

A despeito das aparências, trata-se de algo diferente de uma «simples descrição», ou seja, no mínimo, de uma «descrição construída» que tem o seu lugar na investigação social e que requer a concepção e a realização de um verdadeiro dispositivo conceptual e metodológico. Uma «descrição» assim concebida pode constituir uma excelente investigação em ciências sociais e uma boa maneira de a iniciar. Aliás, muitas investigações conhecidas apresentam-se, de certo modo, como descrições construídas a partir de critérios que rompem com as categorias de pensamento geralmente admitidas e que, por isso, conduzem a reconsiderar os fenómenos estudados sob um olhar novo. *La distinction, critique social du jugement*, de Pierre Bourdieu (Paris, Éditions de Minuit, 1979), é um bom exemplo: a descrição de práticas e disposições culturais é realizada a partir do ponto de vista do hábito e de um sistema de desvios entre as diferentes classes sociais.

Estamos, porém, muito longe de uma simples intenção de agrupamento não crítico de dados e de informações existentes ou produzidas pelo próprio. É desejável que essa intenção de ultrapassar esse estádio transpareça na pergunta de partida.

Resumindo, uma boa pergunta de partida visará um melhor conhecimento dos fenómenos estudados e não apenas a sua descrição.

No fundo, estas boas perguntas de partida são, portanto, aquelas através das quais o investigador tenta destacar os processos sociais, económicos, políticos ou culturais que permitem compreender melhor os fenómenos e os acontecimentos observáveis e interpretá-los mais acertadamente. Estas perguntas requerem res-

postas em termos de estratégias, de modos de funcionamento, de relações e de conflitos sociais, de relações de poder, de invenção, de difusão ou de integração cultural, para citar apenas alguns exemplos clássicos de pontos de vista, entre muitos outros pertinentes para a análise em ciências sociais, e aos quais teremos ocasião de voltar.

Poderíamos ainda discutir muitos outros casos exemplares e salientar outros defeitos e qualidades, mas o que foi dito até aqui é mais do que suficiente para fazer perceber claramente os três níveis de exigência que uma boa pergunta de partida deve respeitar: primeiro, exigências de clareza; segundo, exigências de exequibilidade; terceiro, exigências de pertinência, de modo a servir de primeiro fio condutor a um trabalho do domínio da investigação em ciências sociais.

#### RESUMO DA PRIMEIRA ETAPA

##### A PERGUNTA DE PARTIDA

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projecto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação.

Para desempenhar correctamente a sua função, a pergunta de partida deve apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência:

- As qualidades de clareza:
  - ser precisa;
  - ser concisa e unívoca;
- As qualidades de exequibilidade:
  - ser realista;
- As qualidades de pertinência:
  - ser uma verdadeira pergunta;
  - abordar o estudo do que existe, basear o estudo da mudança no do funcionamento;
  - ter uma intenção de compreensão dos fenómenos estudados.

#### TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 1

##### FORMULAÇÃO DE UMA PERGUNTA DE PARTIDA

Se vai iniciar um trabalho de investigação social sozinho ou em grupo, ou se tenciona começá-lo em breve, pode considerar este exercício a primeira etapa desse trabalho. Mesmo no caso de o seu estudo já estar iniciado, este exercício pode ajudá-lo a enfocar melhor as suas preocupações.

Para quem começa uma investigação seria muito imprudente cumprir atabalhoadamente esta etapa. Dedique-lhe uma hora, um dia ou uma semana de trabalho. Realize este exercício sozinho ou em grupo, com a ajuda crítica de colegas, amigos, professores ou formadores. Vá trabalhando a sua pergunta de partida até obter uma formulação satisfatória e correcta. Efectue este exercício com todo o cuidado que merece. Despachar rapidamente esta etapa do trabalho seria o seu primeiro erro, e o mais caro, pois nenhum trabalho pode ser bem sucedido se for incapaz de decidir à partida e com clareza, mesmo que provisoriamente, aquilo que deseja conhecer melhor.

O resultado deste precioso exercício não ocupará mais de duas a três linhas numa folha de papel, mas constituirá o verdadeiro ponto de partida do seu trabalho.

Para levar este a bom termo pode proceder do seguinte modo:

- Formule um projecto de pergunta de partida;
- Teste esta pergunta de partida junto das pessoas que o rodeiam, de modo a assegurar-se de que ela é clara e precisa e, portanto, compreendida da mesma forma por todas;
- Verifique se ela possui igualmente as outras qualidades acima recordadas;
- Reformule-a, caso não seja satisfatória, e reconeece todo o processo.

### 3. E SE AINDA TIVER RETICÊNCIAS...

Talvez ainda tenha reticências. Conheçamos as mais frequentes.

- *O meu projecto ainda não está suficientemente afinado para proceder a este exercício.*

Neste caso, ele convém-lhe perfeitamente, porque tem precisamente como objectivo ajudá-lo — e obrigá-lo — a tornar o seu projecto mais preciso.



- *A problemática ainda só está no início. Apenas poderia formular uma pergunta banal.*

Isto não tem importância porque a pergunta não é definitiva. Por outro lado, que pretende «problematizar», se é incapaz de formular claramente o seu objectivo de partida? Pelo contrário, este exercício ajudá-lo-á a organizar melhor as suas reflexões, que de momento se dispersam em demasiadas direcções diferentes.

- *Uma formulação tão lacónica do meu projecto de trabalho não passaria de uma grosseira redução das minhas interrogações e das minhas reflexões teóricas.*

Sem dúvida, mas as suas reflexões não se perderão por isso. Irão reaparecer mais tarde e serão exploradas mais depressa do que pensa. O que é necessário neste momento é uma primeira chave que permita canalizar o seu trabalho e evite dispersar as suas preciosas reflexões.

- *Não me interessa apenas uma coisa. Desejo abordar várias facetas do meu objecto de estudo.*

Se é essa a sua intenção, ela é respeitável, mas já está a pensar em «problematizar». Passou por cima da pergunta de partida.

O exercício de tentar precisar o que poderia constituir a pergunta central do seu trabalho vai fazer-lhe muito bem, porque qualquer investigação coerente possui uma pergunta que lhe assegura unidade.

Se insistimos na pergunta de partida, é porque a evitamos com demasiada frequência, seja porque parece evidente (implicitamente!) ao investigador, seja porque este pensa que verá mais claro à medida que avança. É um erro. Ao desempenhar as funções de primeiro fio condutor, a pergunta de partida deve ajudá-lo a progredir nas suas leituras e nas suas entrevistas exploratórias. Quanto mais preciso for este «guia», melhor progredirá o investigador. Além disso, é «moldando» a sua pergunta de partida que o investigador inicia a ruptura com os preconceitos e com a ilusão da transparência. Finalmente, existe uma última razão decisiva para efectuar cuidadosamente este exercício: as hipóteses de trabalho, que constituem os eixos centrais de uma investigação, apresentam-se como proposições que respondem à pergunta de partida.

## SEGUNDA ETAPA

# A EXPLORAÇÃO